

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A HISTÓRIA DO FRACASSO ESCOLAR EM UM ALUNO COM
DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO

REGINA HELENA FRANCO DE OLIVEIRA

376.213(09)
0488
EX 1
C 92573077

BIBLIO. CA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6043
Data	25, 09, 00

PONTES E LACERDA-MT, JULHO DE 2000

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A HISTÓRIA DO FRACASSO ESCOLAR EM UM ALUNO COM
DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO

Ensaio monográfico para a conclusão do
Curso de Licenciatura em Letras do
Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, tendo como orientadora Tereza
Pazos da Silva.

PONTES E LACERDA-MT, JULHO DE 2000

Aos meus pais; com imenso carinho; meu muito obrigado; me deram as lições principais da escola lar; escola vida; me incentivaram e me apoiaram para que hoje, com a maior gratidão possa apresentar-lhes meu diploma; a prova da "nossa luta". Obrigada!

Aos meus irmãos, que de uma forma ou de outra; fizeram esta caminhada se tornar possível.

Ao meu marido; que compreensão e dedicação contribuiu para que minha jornada tivesse esse objetivo; a chegada principal!

Também as minhas filhas; que pelo meu marido e por Deus; comportaram-se bem em minha constante ausência.

Agradeço de uma forma geral, a todos os colegas de escola e amigas de trabalho; que tiveram compreensão em meus momentos de incompreensão.

Agradeço de uma forma muito especial a minha orientadora Professora Tereza Pazos que com muito amor e dedicação me incentivou e orientou nessa árdua jornada.

Obrigada meu Deus... porque tudo foi possível, olhaste por minha vida e minhas noites incansáveis de estudo; por falta de tempo deixei até mesmo de dar carinho especial as pessoas que amo, obrigado por caminhar comigo, e por isto chegamos aqui!

Sumário

Apresentação-----	4
Quadro Teórico-----	5
Socialização da criança no seio da sociedade-----	12
A convivência familiar e suas dificuldades-----	33
Considerações finais-----	46
Bibliografia-----	48

Apresentação

O presente trabalho consiste na análise dos "problemas" apresentados por uma criança com "distúrbio emocional" no que se refere ao seu rendimento escolar, tendo como "passo de tudo" suas relações com a família e com o contexto sócio - econômico.

Este trabalho foi elaborado partindo-se de pressupostos científicos encontrados na literatura sobre a questão do fracasso escolar. Para compreender a história de fracasso da criança recorreremos às perguntas realizadas com as pessoas que rodeiam a criança. Nossa hipótese inicial e que posteriormente se confirmou e a de que o distúrbio emocional da criança, tem suas raízes na maneira como a sociedade percebe a criança e o modo como se dão as relações familiares especialmente no período da infância. Tal concepção só pode ser compreendida dentro do contexto histórico.

O presente trabalho tem como principais objetivos surgem caminhos que possam, ainda que do modo limitado, evitar maiores transtornos a criança na família e proporcionar uma clima de segurança, onde ela possa quebrar o silêncio. Assim acredito que, com esse material consigamos entender e contribuir de certa forma, para o novo desenvolvimento disciplinar dessa criança.

Quadro Teórico

Para realizar este trabalho estarei me fundamentando em trabalhos de alguns autores como: Arroyo, Paixão, Pilleti, Lopeze, Patto, Lobow, entre outros.

Os autores acima mencionados abordam em seus trabalhos problemas sociais existentes dentro da família e da escola na perspectiva sócio-econômica, problemas estes que incidem sobre a vida escolar da criança.

Arroyo afirma que a história da educação é uma questão que os educadores vêm questionando a tempo. O autor, no entanto, ao se indagar sobre a possibilidade de uma educação digna à classe menos favorecida, responde que não. Pelo menos na estrutura atual da escola. As estatísticas não fazem outra coisa se não confirmar o fracasso escolar dos filhos do povo. "Os índices de repetência e evasão teimam em mostrar que quase 60% dessas crianças não ultrapassam a 1ª série e o restante irá saindo ou sendo forçado a sair, ainda nas primeiras séries, sem contar aqueles que nem entraram na escola." (Arroyo, p. 11)

Já Pilleti relata em seus estudos que principalmente a partir de 1930 houve possibilidade de maior número de pessoas irem à escola bem como houve um crescimento das desigualdades escolares no sentido de instituir a escola única para todos.

Podemos verificar que a escola abre as portas para maior clientela, especialmente para o filho do trabalhador provocando o fracasso escolar destes alunos, haja visto que a escola não estava e não está pensada para estes alunos.

Em relação a sua tendência democratizadora a escola ficou a desejar nos objetivos

propostos, pois muitos alunos continuam, em termos quantitativos, sem acesso ou excluídos logo nos primeiros anos e, em termos qualitativos, a escola ainda é diferenciada em função da origem sócio-econômico destes.

Os autores supra citados escrevem sobre os problemas existentes no âmbito do fracasso escolar, sobre a perspectiva histórica. Como podemos perceber há muito tempo a história do fracasso vem sendo estudada e questionada mas não obtivemos solução.

E para falar dos respectivos problemas Arroyo, como profissional da educação, através de estudos feitos junto às escolas, questiona o trabalho proposto para elas, pela sociedade ou seja, a política educacional no sentido de entender se a escola é uma tarefa possível de ser realizada. A partir dessas incertezas ele pretende dar sua contribuição com propostas possíveis de serem realizadas no cotidiano escolar. O autor continua, falando que não década de 70 as lideranças políticas tinham uma crença na educação do povo, “povo educado, país desenvolvido”. Achavam que com o tema “educação e desenvolvimento” teriam possibilidade de progredir, modernizar a escola brasileira tradicional e elitista. Porém isto foi só uma “virose” e os pensamentos passaram logo, “a crença virou ilusão. Durante alguns anos não se falou em educação nem em desenvolvimento”. (p. 13).

Segundo o autor a perspectiva é a de que o ensino tal como organizado, sempre leva aos caminhos da desistência, evasão escolar, repetência ou a permanência no sistema escolar, implicando uma questão central de igualdade cultural para todos desconsiderando as diferenças de ordem social. Depois de análises realizadas o autor nos mostra que nos cursos de Pedagogia fala-se de motivos pessoais ou familiares ou seja, coloca-se a culpa pelo fracasso na criança e na família e não na escola. Tais formulações “são importantes no ocultamento do real”. (p. 21)

Arroyo diz que “falar em alunos evadidos é uma forma de inocentar o Estado e a ordem social”. (p. 22) O autor coloca “o trabalho e a condição de trabalhador como fronteira que separa a qualidade da escola.”

Ainda referindo-se aos problemas apresentados Paixão fala que a literatura pedagógica costuma englobar evasão, abandono, repetência sob a expressão “fracasso escolar”, que prefiro substituir por “fracasso da escola...” (p. 55)

A autora descreve que as exigências escolares são expostas e quem não está dentro dos padrões “não está maduro” para o processo de escolarização. Com a democratização da educação na atualidade, tivemos um aumento, das exigências burocráticas, o que faz com que a prática pedagógica fique descaracterizada, *“pois o professor passa a maior parte do seu tempo preenchendo os requisitos exigidos e em função disto sem ter tempo para estar planejando ou até mesmo educando o seu aluno.”* (op.cit 60)

Outros problemas que emergiram da pesquisa desta autora foram: a distribuição de material didático – pedagógico, a assistência à saúde das crianças, o esforço à merenda escolar. A coordenadora da escola pesquisada ressaltou que o fornecimento do material pedagógico facilita a aprendizagem para os alunos e que o problema maior de ausência e evasão é pela falta de condições até mesmo financeiras. Desse modo retornamos ao velho processo de “política de atendimento”. (op.cit. 82)

Na mesma linha de raciocínio temos os trabalhos de Pilleti. Este autor afirma que um dos fatores do fracasso escolar é a “fome (desnutrição)”. Isto faz com que a criança seja “prejudicada em seu crescimento e em seu desenvolvimento.” (p. 131).

Os determinantes sociais acima delineados geram um “choque cultural dentre os conteúdos do ensino e as condições de vida econômica, social e cultural das comunidades rurais e semi-urbanas, bem como das camadas citadinas inferiores” (Beisiegel .131).

Uma outra questão relevante segundo o autor é o fato de que há educadores que insistem em trabalhar de forma totalmente tradicional, onde só eles podem andar e falar na sala de aula; o aluno fica como um mero receptor passivo.

Em contrapartida o autor defende uma escola onde os alunos trabalham em conjunto e tem livre arbítrio para poder expor seus pensamentos com o grupo. Outro fator que também facilita o trabalho do professor são as “Carteiras colocadas de maneira a formar um grande círculo para a participação de toda a turma, em que o professor ocupa uma das carteiras, assumindo uma posição de igualdade em relação aos alunos.” (op cit p.196)

Algumas táticas são usadas no sentido da hierarquização onde os professores separam os alunos de acordo com o seu desempenho, os “melhores” para um lado, e os “piores” para outro, desestimulando tanto os melhores quanto os “fracassados” a buscar novos conhecimentos.

Ainda no que diz respeito ao tratamento de alunos com história de fracasso Patto argumenta que algumas escolas realizam estudos psicológicos sobre a avaliação dos “anormais escolares”. Segundo a autora eram feitos testes de QI em crianças para contribuir nas decisões dos educadores no destino escolar das mesmas.

Com o tempo houveram mudanças nas concepções, nos conceitos psicanalíticos tanto na visão de “doença mental” como nas concepções sobre as causas das dificuldades de aprendizagem – “A consideração da influência ambiental sobre o desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos de vida e comportamento e seus desvios provocou uma mudança terminológica no discurso da psicologia educacional.” De “anormal” a criança que apresentava problemas de ajustamento ou de aprendizagem escolar passou a ser designada “como problema”. (op.cit 43,44).

Esta mesma autora descrevem sobre as várias maneiras que usamos para nos direcionar às pessoas muitas das vezes deixando-as constrangidas, chateadas e até mesmo derrotadas.

Outro ponto bastante discutido é o fato de que certas atividades cognitivas desempenham um papel biologicamente estimulante na maturação de estruturas neurais, importantes para um posterior desenvolvimento cognitivo e para a aprendizagem. Tais atividades poderiam ser utilizadas como recurso para superação do fracasso.

Retomando a questão da privação, poderíamos dizer que a natureza da privação não é tanto uma questão de nível absoluto de capacidade e rendimento, mas de uma avaliação diferencial étnica pela sociedade dominante, ou pôr outros grupos étnicos.

Segundo Labow o fracasso escolar e especialmente o fracasso em aprender a ler, é claramente a causa da privação social posterior. Este fracasso também foi considerado como resultado da privação.

Ainda seguindo este autor existe, entretanto um outro ponto de vista, que se detém nas deficiências dos professores e das escolas mais do que nos das crianças. As crianças provenientes de lares pobres podem ter desenvolvido padrões de aprendizagem precários, pouco treino da capacidade de abstração e ser indisciplinados, mas é também verdade que os professores ignoram as carecem de habilidades para ensiná-las adequadamente.

Remetendo-se aos aspectos das diferenças de classe, como forma de explicar o fracasso, muitos autores estão voltados para os componentes sociais de valores e objetivos entrem a subcultura e o sistema sócio cultural mais amplo.

Segundo os autores estudados existe uma privação no que diz respeito a comportamentos não valorizados pela sociedade de classe média.

"De acordo com um desses pontos de vista as crianças residentes em áreas desprivilegiadas na

sociedade, especialmente em comunidades de favelados, aprendem comportamentos apropriados e úteis no ambiente do lar, mas inúteis em experiências escolares subsequentes, não gratificados e, portanto, não bem sucedidos.” (p. 80).

O modelo social estrutural nos mostra que para um determinado ponto de vista teórico, o desprivilegio é um aspecto inerente a um sistema social complexo altamente diferenciado, hierárquico.

Portanto a privação pode ser resultado da competição por recursos escassos em uma sociedade organizada num sistema hierárquico: “grupos dominantes podem, em nome de seus próprios interesses econômicos ou sociais, tentar manter a dependência de outras parcelas da sociedade, excluí-las da competição no mercado de trabalho e em outras áreas.” (op.cit 82)

Os autores citados, de modo geral, relatam que a privação deve ser entendida como falta de alternativas de atuação na sociedade. Isto porque a falta de oportunidade e alternativas da criança e do adulto são desvantagens impostas pela estrutura social da qual fazem parte.

Um dos destaques que tais autores fazem é o modelo do trauma ambiental onde a pobreza é considerada por alguns deles como especialmente prejudicial às capacidades da criança.

Referindo-se aos determinantes do fracasso enunciados, Arroyo nos diz que “todos os relatos retomam velhos problemas nunca resolvidos, porém vistos de novos ângulos ou de velhos ângulos esquecidos e que precisam ser retomados.” (p.24). O autor deixa explícito em seu texto que a exploração do trabalhador é tida como “normal”. Porém os direitos “ao

saber, à saúde, à moradia, saneamento passam a ser tratados como 'anormais', objeto de políticas especiais". (p. 40).

O interessante é que perante a visão política quando esta se refere à organização de uma nova escola com um novo perfil sempre se começa pela profissionalização do professor esquecendo que essa é uma das alternativas e não a solução cria-se, segundo Arroyo o "mito do professor-salvador."

Para Pilleti apesar das diversas imposições de currículo, na escola, o Professor e a comunidade, deverão estar sempre presentes nas atividades da escola para poderem trabalhar ambos com a realidade desta. "A escola não poderá programar atividades que estejam distantes do contexto cultural da comunidade sob pena de programar o fracasso." (p. 188).

Um dos pontos de várias discussões na literatura é de que o efeito da privação psicossocial seria em 1º lugar, uma questão de desenvolvimento das capacidades humanas. Uma vez dadas as oportunidades adequadas, a criança ou o adulto adquirem as experiências ou capacidades de que necessitam.

Socialização da Criança no Seio da Sociedade

Ao longo do trabalho de campo desenvolvido junto à criança o seu universo observei que a convivência entre professor, aluno e a comunidade familiar se distanciam a medida em que as diferenças sociais se acentuam.

"As relações sociais, fundadas na liberdade na igualdade, são naturais porque decorrem de um fator biológico. Do ponto de vista da natureza humana os homens são livres e iguais uma vez que são "animais racionais". Do ponto de vista da sociedade temos o homem subordinado pelas leis. Ambas fazem suas coerções incidirem sobre todos os homens não podendo ninguém furta-se a elas (Fiorin p.59-93)"

O professor exerce a sua postura, e muitas vezes anula a criança, esquecendo que a mesma traz consigo uma história de vida a qual muitas vezes dificulta o seu aprendizado. A perspectiva de agrupamento entre os diversos segmentos (professor, família – sociedade), que se fazem presentes na escola, deveria estabelecer uma forte ligação do indivíduo com seu ambiente sócio- cultural; Não acontecendo esta interação, em consequência surge, o tão falado fracasso escolar.

Para tratar da ligação do indivíduo com o seu ambiente, (escola, professor, colegas), começarei colocando o ponto de vista de duas profissionais da educação. Ambas lecionam em uma escola do centro, neste município. No decorrer deste trabalho, as professoras serão denominadas pôr professora "A" e professora "B". As professoras a que me refiro são efetivas a mais de quinze anos no estado e sempre na mesma escola e lecionam para as 4ª séries.

Em seguida apresentarei o depoimento da criança e posteriormente os de sua família, padrasto e mãe, na tentativa de compreender os argumentos que os mesmos usam para justificarem os “problemas” observados, em relação à criança estudada.

No que tange aos professores tomando como referência o aluno e o posicionamento deste dentro da sala de aula, observei que a professora A vê o aluno como um menino bom, por ser calado, apático aos problemas apresentados dentro da sala de aula, e mesmo da escola, mas, ao mesmo tempo, revoltado. Para a referida professora existe algum problema que precisa ser resolvido na vida dele com sua família. Segundo ela, o silêncio é o reflexo dessa revolta. O professor apresenta uma postura tradicional de uma escola conservadora e que está presa em dogmas com isso transfere a afetividade que poderia ser trabalhada entre professor – aluno, para a família, apresentando assim um distanciamento contínuo na relação dos mesmos. Como relata a professora :

*“ Bom e que ele... a gente... a nós todos... nós sentimos
que ele é um menino assim, revoltado. Parece que é um
menino assim...
que tem alguma coisa que tá assim... que precisa ser
resolvido na vida dele, com a família.*

Constatamos, pôr este depoimento que os professores ao se verem diante de situações, ou problemas de aprendizagem que envolve seus alunos, não se colocam no rol dos culpados. Esta atitude não é nova. Segundo Gatti (1996), há entre os professores “ a tendência a atribuir aos próprios alunos ou à sua família a responsabilidade pelo seu insucesso na escola” (p. 87)

Já a profª. “B” apresenta o seu aluno como um aluno passivo, quieto, fazendo com que a mesma fique incomodada pela falta de produtividade e o distanciamento que o aluno demonstra.

"Ah! a relação com o aluno , assim... é ... ele é um aluno que não te responde , um aluno assim que num..., você tem que forçar para ele te olhar, nem te olha, ele é um aluno que , debruça na carteira não quer fazer nada , não conversa , então a gente fica assim incomodada com ele né porque não tem produtividade nenhuma simplesmente ele não quer fazer nada.(profª. B)".

Apesar das preocupações que aparecem no depoimento do professor , em sua prática este recai novamente no tradicionalismo e retorna à família para justificar o porquê de a criança apresentar "dificuldade" fazendo com que ela não consiga familiarizar-se com as pessoas que estão ao seu redor. Isto nos deixa questionamentos em relação ao método do professor ao lidar com seu aluno.

Posteriormente conversando com a professora "A" sobre o comportamento do aluno, a mesma referiu-se ao fato de que a criança é passiva com a professora mas quando algum colega de classe ou do próprio colégio insinua em "brincar" com ele , o mesmo fica agressivo e parte para a ignorância com seus colegas e caso a professora venha interferir , o aluno insiste em não ouvir os conselhos da mesma fazendo o que deseja e retirando-se da sala de aula. Como diz a prof. "*... E se você chama ele, fala alguma coisa e se fica bravo, se ele quiser sair ele já vai embora, você grita, chama vem , vem, vem para cá, vamos, resolve, ele vai embora*".

Ao observar a colocação da professora A me recordei de várias passagens do meu tempo de estudante em que a profª. se considerasse o aluno "inteligente" o tratava bem, motivando-o a retornar e a permanecer em sala de aula, enquanto que o aluno "problema" era considerado o "orelhudo", expondo-o ao ridículo, fazendo com que o mesmo não tivesse qualquer motivação para permanecer na escola. A criança para expor sentimentos de

ansiedade e revolta , age dessa forma pois não há “motivação” escolar para preencher os anseios que a criança traz, consigo para escola.

“Ao se expressarem livremente na presença de observadores atentos e treinados (professores e seus assistentes), e que dispõem de tempo, as crianças facultam a seus agentes socializadores uma observação minuciosa e penetrante de todos (ou quase todos) os aspectos de seu fazer e de seu ser. (Nicolaci -Da-Costa, M. 1987,p.87)

A prof. “B” argumenta que utilizou várias maneiras para conseguir a permanência do aluno na sala e consequentemente sua aprendizagem. Porém estas tentativas foram inúteis pois qualquer que fosse a atitude tomada, sempre dava no mesmo. Tanto a forma agressiva do professor ao ministrar sua aula quanto a forma passiva de comunhão com o aluno chegando a acariciá -lo para tê-lo dentro da sala de aula de nada resolvia. Se fosse o caso do aluno estar com vontade de sair da sala , simplesmente saia sem dar nenhuma explicação, Como podemos observar na fala da própria professora

“ Método assim(...), pra ver quem faz melhor , de tratar ele com amor passar a mão , tocar nele (...), carinhar , também muito pouco teve quase resultado. Ai (...) vamos pro lado severo , vamos ser mais rígido um pouco, também não, então a gente fica sem ação , sem saber como, ele só simplesmente se for assim pra sair da sala assim fugir .”

A professora deixa claro, que, por não compreender corretamente, que a realidade é dinâmica e que as ações dos sujeitos têm sérias ligações com sua realidade histórica, conclui equivocadamente sobre as ações adequadas e desse modo não consegue trabalhar corretamente, pois, nas tentativas feitas, as mudanças foram poucas.

Entretanto a profª consegue visualizar, ainda que de modo tême que se o aluno for o trabalhado na visão mecanicista, sem considerar os seus determinantes sua ação estapolaria os seus limites e atingiria as raías do autoritarismo. O que a profª não consegue ver é que ao trabalhar o dinamicismo ela obteve um pequeno resultado. Para a realização de um trabalho como este ela não pode esquecer que a relação é um processo que vai construindo no dia a dia.

Em relação à tendência de fuga do aluno, esta é constante , mas o professor tem que utilizar métodos de agrupamentos sem disputa, pois segundo este procedimento, caso o aluno não consiga assimilar o que foi proposto, conforme o professor espera, o aluno ficará frustrado perante seus colegas.

As diferenças sociais tem um peso sobre cada indivíduo. Neste caso a criança sente-se inferior devido às condições que a envolvem tanto no âmbito cultural, quanto emocional e material. Se a criança sentir-se inferior as outras, terá sérios problemas de identidade pois , *"Os sentimentos sociais repousam em identifições com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal (FREUD 1979 P. 52)"*.

Entretanto o trabalho em grupo pode ser relevante na socialização da criança. Pilette(P.196) defende uma escola onde os alunos trabalham em conjunto e têm livre arbítrio para poder expor seus pensamentos com o grupo. Outro fator que também facilita o trabalho do professor são as "carteiras colocadas de maneira a formar um grande círculo para a participação de toda a turma, em que o professor ocupa uma das carteira, assumindo uma posição de igualdade em relação aos alunos. Em contrapartida algumas

táticas são usadas no sentido da hierarquização dos alunos, onde os professores separam os alunos de acordo com o seu desempenho os “melhores” para um lado, e os “piores” para outro, desestimulando tanto os melhores quanto os “fracassados” a buscar novos conhecimentos.

Podemos verificar que a escola tem aberto as portas para maior clientela, dada a ampliação de vagas nos últimos anos abrindo espaço especialmente para o filho do trabalhador provocando o fracasso escolar destes alunos, haja vista que a escola não estava e não está pensada para eles.

Em relação à sua tendência democratizadora a escola ficou a desejar nos objetivos propostos pois muitos alunos continuam, em termos quantitativos sem acesso ou excluídos logo nos primeiros anos e em termos qualitativos a escola ainda é diferenciada em função da origem sócio- econômica destes.

Arroyo e outros autores escrevem sobre os problemas existentes no âmbito do fracasso escolar numa perspectiva histórica. Como vimos no capítulo inicial há muito tempo a história do fracasso vem sendo estudada e questionada sem que obtivéssemos solução.

Para falar dos respectivos problemas Arroyo autor a quem já nos referimos anteriormente, através de estudos feitos junto às escolas, tem questionado o trabalho proposto para estes, pela política educacional atual no sentido de entender se a escola é uma tarefa possível de ser realizada.

Remetendo-nos ao nosso sujeito de pesquisa a profª. A relata que apesar das “indiferenças” ou seja da aparentemente despreocupação que o aluno traz ele não consegue esconder seus sentimentos de angústia e distanciamento da vida real. Ele se mostra sempre calado, triste, isolado em seu mundo particular. Porém, mesmo demonstrando que algo não

vai bem, segundo a professora . “ *Ele nunca , nunca fala do que acontece na casa dele, O outro irmão que fala mais*”. (profª. A). Isto nos permite ver que ele construiu seu mundo particular , sua identidade pessoal.

Podemos chamar o nosso mundo interno de grupo interno, pois ele é feito de relações, relações estas pelas quais crescemos e passamos a ter um jeito de sentir , de pensar, de nos comunicar ou de nos relacionar, e isso nos dá uma identidade pessoal, Mas as coisas do nosso mundo interno não estão dentro de um armário, guardadas, paradas lá dentro. Ao contrário, elas estão em movimento, se modificam. Podemos então concluir que a forma de conviver no “grupo- família” é diferente no” grupo- escola”. Tanto na escola quanto na família a criança pode ser estimulada a ser mais comunicativa ou mais quieta, mais reservada , nos gestos e na fala. No nosso caso particular, a criança , em casa, mostra-se sempre calada, fechada. Na escola , embora esporadicamente, ele se mostra mais aberta chegando até mesmo a brincar com os colegas.

A profª. “B” tem consciência de que existe algo errado na situação familiar do aluno, para que estes problemas de disciplina escolar se apresentem de maneira tão explícita. A mesma considera que não há possibilidade de fazer muitas mudanças pois a estrutura da criança é feita a partir dos 3 aos 7 anos de idade em seu âmbito familiar. A professora nos diz que:

“... , é em casa que começa a formação, nós estamos dando uma continuidade , então a gente pega um aluno, com a programação pro resto da vida dele, então nos já pegamos a programação feita, agora a consequência tá lá , nós não tivemos(...) , a gente esteve com a mãe muito pouco , mais alguma coisa

*errada lá , tem, alguma coisa errada na família tem
porque não tem, porque, desse menino ser assim”.*

A professora parece comparar a criança a uma máquina cuja programação é irreversível não havendo o que fazer senão conformar-se. Tendo a discordar da profª. B pois em minha opinião há sempre uma maneira, uma possibilidade de se conseguir mudar um ser humano, mais ainda na fase escolar, haja visto que o conhecimento que temos do mundo não é estático ou eterno. Mais que isto, a aprendizagem é um processo que dura a vida toda. O ato de conhecer não se dá em um momento , não é definitivo, e não acontece isoladamente. É pelo diálogo que o conhecimento se dá.

(...) “ Ninguém dá o conhecimento a alguém (...)

*Ninguém conhece sozinho. (...) colocar o mundo como objeto
mediador do processo significa destacar a dupla dimensão do
diálogo: do ser cognoscente como o objeto cognoscível e
entre todos os sujeitos envolvidos na situação dialógica”.*

(DAMKE 1995;77)

Vemos portanto que o conhecimento se constrói a partir do contato do sujeito que conhece com o objeto a conhecer. Este conhecimento se dá a partir do desenvolvimento de certas habilidades.

*“ Dentre as mais importantes tarefas necessárias ao
desenvolvimento da criança na sua meninice estão: o
desenvolvimento de várias habilidades intelectuais e
acadêmicas bem como a motivação para dominá-las ;
aprender o modo de interagir com companheiros ; aumentar
sua independência e autonomia , desenvolver padrões morais
e a consciência e aprender a manipular adequadamente os
próprios conflitos e ansiedades.”*

(Mussen, Conger, Kagan 1977 pag. 403)

Por sua vez , a prontidão da criança para assumir as novas exigências deste ambiente mais amplo que é a escola, dependerá bastante de suas experiências passadas assim como presentes , no âmbito familiar. Observamos que a criança da qual nos ocupamos apresenta um quadro de ansiedade , pois a mesma não conheceu o pai biológico, não tem condições de possuir um material escolar como o dos colegas e seu estado emocional é comprometido pois tem irmãos que convivem com o pai biológico, deixando-o em desvantagem. E essa desvantagem, ele carrega para o ambiente escolar dificultando o relacionamento com colegas e professores.

No que se refere à situação escolar, a mesma pode servir não somente ao fortalecimento de alguma resposta cognitiva e social que os pais possam estar ensinando a criança como também ao ensino de muitas respostas novas. Na função de um dos principais agentes socializadores de nossa sociedade, a escola deve ocupar uma posição singularmente favorável, a fim de suplementar e, às vezes, compensar o treino parental, uma vez que a família é quase semi-analfabeta . A escola deve cada vez mais habilitar a criança a lidar satisfatoriamente com uma gama sempre crescente de desafios e oportunidades , bem como de problemas que estão a esperar por ela ao longo de seu caminho. Mas a escola contemporânea não está preparada para assumir este desafio. Entretanto se preocupa com o quadro apresentado .

Portanto o papel do professor tendo em vista os fatores situacionais que afetam o ajustamento e o progresso da criança no ambiente escolar, é possivelmente, o mais importante .É ele , em grande parte, que deve encontrar meios para superar as dificuldades dos alunos com problemas.

Com o professor preparado , a criança pode ser auxiliada a vencer desvantagens e a usar ao máximo seus talentos e interesses , ao passo que ter um professor despreparado para

trabalhar com as crianças em geral, ou com um grupo de criança em particular, ou com uma criança em especial, pode levar a consequências sérias e por vezes, desastrosas.

“Para isso faz-se necessária uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente, expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira que considere os interesses, e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vive.”

(p.33,1997, PCNs)

Ao ser indagada sobre o que poderia fazer para que houvesse mudança no comportamento do aluno, a professora B nos afirmou.

“ Nós temos que começar lá na família com ele, pra ver como, nós temos que ir juntos estudar a maneira, como está, pra deixar esse menino como está que se espera futuramente, pra rua, deixar ele na rua direto num dú, é preocupante mesmo”.

Pelo depoimento, percebemos que a professora tenta encontrar na família, auxílio para resolver o problema. A professora não compreende que os problemas de aprendizagem ou de aceitação da escola têm relações desta com a estrutura sócio –econômica embora a família seja uma parte importante neste processo.

Segundo Arroyo a perspectiva é a de que o ensino tal como organizado, sempre leva aos caminhos da desistência , evasão escolar, repetência ou a permanência no sistema escolar, implicando uma questão central de igualdade cultural para todos desconsiderando as diferenças de ordem social. Depois de análises realizadas o autor nos mostra que na escola fala-se de alunos evadidos e não de excluídos . Essa evasão é entendida a partir de motivos pessoais ou familiares ou seja coloca-se a culpa pelo fracasso na criança e na família e não na escola. Tais formulações “são importantes no ocultamento do real”. Arroyo diz que , “*Falar em alunos evadidos é uma forma de inocentar o Estado e a ordem social*” (p.22).

Dessa maneira, se o professor personifica o conhecimento, não há o que se possa fazer para que o aluno se aproprie dele, Porém como já vimos antes, conhecer é um processo e portanto qualquer um pode acessá-lo.

O modo como a escola trabalha faz com que os alunos estejam eternamente aprisionados a condição de discípulos, infantilizados nas suas possibilidades de crescimento e autonomia intelectual, para os quais a autoridade pedagógica, como num passe de mágica, faz aparecer e desaparecer o conhecimento ,sem esclarecer o percurso que possibilita atingi-lo.

Esta autoridade arbitrária , impositora da lei e da ordem , consegue se manter enquanto tal porque, aparentemente, é provável que satisfaça as necessidades sócio afetivas de conhecimento e reconhecimento do aluno para o qual a escola foi pensada. Em algumas leituras realizadas na área da psicologia, encontrei um parecer que segundo Vygotsky .

“ nas sociedades letradas a escola tem papel central no desenvolvimento das pessoas”. “No entanto se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos , funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas.

(Vygotsky p. 61, 1988)

Ainda segundo Vygotsky O processo de ensino- aprendizado na escola deve ser construído, então , tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança – num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido. O percurso a ser seguido nesse processo estará também condicionado pelas possibilidades das crianças, isto é, pelo seu nível de desenvolvimento potencial.

Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objeto do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, conforme afirma o autor supra citado , é

aquele que se adianta ao desenvolvimento.

(VYGOTSKY, 1998 pág. 62).

Remetendo-me ao objeto principal desta pesquisa ou seja à criança estudada, verifiquei que a mesma tem 11 anos de idade cursa a 4ª série e reprovou por duas vezes. Isto nos mostra que ela já acumulou uma história de fracasso escolar. Para ela o processo ensino - aprendizagem não lhe proporciona a construção do conhecimento e tampouco uma tomada de consciência do mundo.

O que me chamou a atenção sobre essa criança foi o distanciamento que ela mantém em relação ao mundo que a rodeia, o silêncio que é uma característica constante dela, a convivência familiar difícil e o descaso escolar.

Em uma das conversas, perguntei à criança como era a convivência escolar com seus professores e colegas. De um jeito tímido, reprimido e com falta de entusiasmo respondeu que sempre brinca com seus colegas e que quando é hora de estudar, eles entram para a sala de aula e têm que fazer os exercícios.

No entanto ao longo da conversa com a própria criança foi possível notar que não é essa a verdadeira versão a que se refere. Observei que quando é para ficar fora da sala de aula a criança se expressa de forma mais livre, sente-se mais à vontade. Ao se referir à sala de aula, aos exercícios que é obrigada a fazer, aparentemente não vê nenhuma perspectiva interessante, recusando-se a fazer até mesmo o pouco que é exigido pela professora.

" A gente fica brincando e quando entra na sala a gente faz os estudos que tem que fazer lá .

(...) A professora não passa muita tarefa e quando passa também é meio difícil eu fazer tarefa, eu não gosto de fazer tarefa (aluno)".

No meu ponto de vista a desmotivação ocorre devido ao método conservador e fechado utilizado pelo professor que se mantém preso ao tradicionalismo transmitindo os conhecimentos estaticamente. De acordo com esta postura a distância entre seu nível de conhecimento e o do aluno é imensa e insuperável. Não há nenhum contato com o universo cultural do aluno. Desse modo a escola e aquilo que o professor faz não tem nenhum sentido para ele.

Se o professor tornasse sua aula mais dinâmicas “ensinando brincando” e lidando com questões de interesse para o aluno este com certeza se “apaixonaria” pela sala de aula e não queria fugir dela.

É comum ouvirmos que alguém não esteja gostando de fazer algo. Isto talvez se deva a questões que dizem respeito ao sujeito. Para dar conta destas questões, ou seja, de explicar porque as pessoas fazem algumas coisas e deixam de fazer outras temos a psicologia pois esta ocupa-se em estudar o ser humano em seus aspectos internos, constituídos de forma particular e própria, mas sempre a partir das interações sociais. Ou seja, cada um tem suas características que são acrescidas ou modificadas no seu contato com o outro.

O “mundo interno” é formado por processos psicológicos que nos permitem pensar, sentir, comunicar, compreender, comportar, criar e transformar a nós mesmos e ao mundo a nossa volta. Este mundo interno, deve sempre ser visto, como já dissemos, a partir das intenções sociais. Observei, no que diz respeito à relação entre professor e aluno, que uma das professoras tenta e consegue se aproximar mais da criança. Já a outra dando continuidade a uma prática tradicional, fica intacta na posição de professor “sabe tudo”- vendo a criança como um “aluno problema”. Podemos constatar o efeito destas diferentes posições na fala da criança, quando esta afirma que: *“Eu gosto mais da professora A”*

Mediante a posição da criança podemos ver que há possibilidade de reverter o quadro de descaso em relação ao aluno -professor. Isto vem de encontro às idéias de Leda Maria

Codeço Borone a qual fala que embora contra a resistência de muitos é incontestável a falência da primazia da razão e da vontade e que o homem, na nova concepção é sujeito a uma ordem inconsciente e movido por desejos que desconhece. Essa também é uma condição humana, reconhecendo que se ela provoca tanta resistência, não é certamente pela complexidade da idéia, mas pelo golpe que defere no amor próprio do homem. Como nos diz Freud.” *Onde falta simpatia a compreensão não virá tão facilmente*”. (p. 352.1979)

Entretanto a simpatia por parte do professor, por si só, não é elemento suficiente para despertar o interesse do aluno pela escola e tampouco acordá-lo para a aprendizagem. Percebemos pelo depoimento, que o aluno mostra falta de interesse pela escola e pelas suas atividades não dando importância às aulas ministradas pelas professoras A e B.

Ao meu ver, as aulas não poderiam ser uma simples decodificação de palavras e reprodução de informações. Penso que estas devem ser um processo dinâmico e ativo que envolva a compreensão, a apropriação e a transformação de informações, conhecimentos e conseqüentemente a construção de significações. Se fosse esta a prática adotada o aluno observado compreenderia o significado do que estuda e se apoderaria desse conhecimento e o transformaria a partir de sua experiência pessoal.

O desenvolvimento da personalidade e o problema de ajustamento acentua-se à medida em que a criança atinge os anos de escolaridade. Nesta fase expandem-se seus horizontes e ela se vê submetida a uma série de influências que se ampliam continuamente: professores, companheiros de mesma idade, livros, televisão. Podemos dizer com isto que o ambiente que ela frequenta e as pessoas com quem convive exercem influência sobre a criança.

O tipo de pais e de relacionamento entre eles e a criança, permanecendo bom, gerará uma criança normal adequada ao seu meio. O fator ambiental é portanto significativo na determinação do tipo de pessoa que virá a ser, nos problemas que enfrentará em sua luta pela

maturidade bem como de suas atitudes. Se a família é repressora e não consegue lidar com as limitações da criança, esta passa a oferecer resistência. Isto ocorre com muita frequência nas relações da criança com a escola. Podemos então entender que a criança muitas vezes vai para a escola não pelo fato de saber que é algo que possa ajudá-la e sim por sentir-se ameaçado, constrangido de medo que haja uma repreensão familiar. E mesmo quando vai, à escola o medo continua pois ela teme a represália pelo fracasso, *“Eu não gosto de ir na escola, porque chega lá, (...), se a gente não aprendeu minha mãe briga comigo ...”*

O interessante é que inicialmente, tomamos nossos pais e sua autoridade como modelo. Subseqüentemente essa criança sofre decepções por quaisquer motivos. Estas decepções a obrigam a substituir as paixões, os sentimentos de respeito, afeição e aceitação desta autoridade, por agressividade. Dessa forma reverte-se esta agressividade, também para os professores porque a identificação como autoridade de ambos, é a mesma. Consequentemente, assim como nas relações formais, nas relações informais fica implícita a autoridade.

Com o decorrer de vários mecanismos existentes nas relações do âmbito familiar, é conveniente que a interação entre família - filho, seja de constante reciprocidade, pois só assim é possível que ambos venham a ter uma relação verdadeiramente satisfatória. O aluno preocupado com as “brigas” que existem em sua casa passa a não se interessar pela escola. Este pode ser um dos fatores que geram o desinteresse escolar. A criança que me proponho a estudar, tem, em sua casa, semelhante condição. *“quando meu irmão briga comigo, meu pai chega e briga aí fica ruim”*.

Isto me levou a uma preocupação quanto à influência da família, dos colegas e da situação econômica e social, pois, é através daí que a criança começa a desenvolver a personalidade. A socialização é fortemente influenciada por prescrições culturais.

A primeira aprendizagem social da criança ocorre em casa. Pressupõe-se geralmente que suas primeiras experiências com a família, sobretudo o elo com a mãe, sejam antecedentes decisivos de suas relações sociais posteriores. No caso estudado, a mãe exerce sobre a criança uma espécie de autoridade que podemos chamar de arbitrária uma vez que suas ações são determinadas pelo contexto das relações familiares. Ela é pressionada pelo marido (padrasto) a tomar certas atitudes em relação ao mesmo. Penso que:

“ no fundo , o problema consiste em distinguir a autoridade autêntica da inautêntica. A autoridade das pessoas que dela se investem geralmente lhes foi outorgada segundo definições sociais arbitrárias e não a partir de qualquer aptidão real que possuem. (COOPER, D.. apud BOHOSLAVSKY,R...op p. 339) ”.

Refletindo sobre a colocação da criança quando a mesma afirmou que caso parassem as brigas ele retornaria a escola, pensei sobre o envolvimento psicológico e em como ele está presente no nosso dia a dia. Estamos acostumados a ouvir e falar expressões como “menino hiperativo”, “homem complexo”, “criança traumatizada” e tantas outras. Mas nem sempre sabemos o significado que esses conceitos realmente têm e o que veio a acontecer para que eles surgissem.

É importante, portanto que estudemos a criança em seus aspectos internos, constituídos de forma particular e própria, mas sempre a partir das interações sociais. O interessante é que esse “mundo interno” é formado por processos psicológicos que nos permitem pensar, sentir, comunicar, compreender, comportar, criar e transformar a nós mesmos e ao mundo a nossa volta.

É através de um trabalho sistemático junto ao conjunto de sentimentos surgidos através do processo psicológico que há a possibilidade de reverter o quadro quando a criança

não tem interesse e nem perspectiva de melhorar a sua vida escolar e familiar. O professor, a partir daí, irá repensar sua prática pedagógica junto a criança.

" trata-se de voltar a pensar e a sentir como a única maneira de converter a situação de aprendizagem numa situação autoconsciente, através de uma crítica sistemática dos conteúdos e de uma autocritica dos métodos que utilizamos para transmitir estes conteúdos . (BOHOSLAVSKY R...op.cit. p.338)"

Em uma das conversas com a criança , perguntei-lhe se algum dia ela havia tido a oportunidade de ler revista, jornais, livros. Segundo a criança ,cuja resposta pareceu desmotivada tanto emocionalmente quanto culturalmente, esta havia "lido revistinha ."

Podemos então compreender que se a criança não tem acesso a bens culturais em sua casa; e sucessivamente, a escola (professor) não proporciona o ensino como uma valiosa fonte de conhecimento, de sabedoria, fica difícil a aprendizagem da criança pois a escola deverá existir justamente para aprimorar , perfeiçãoar o aluno e as "deficiências".

De modo geral, em uma medida ou outra, tais relações envolvem dependência; é aí, que na sala de aula, tem que haver o processo de sedução que provavelmente se constituirá porque o aluno depende efetivamente do professor; seja a nível de suas necessidades conscientes- como "aprovação", "reconhecimento social"- "seja a nível -inconsciente ,como pôr exemplo, reconhecimento afetivo. Lembremos que pelas mesmas razões sociais e afetivas , o professor também depende do aluno. Estabelecendo assim, as condições para a sedução recíproca e porque não, também cultural. Se o processo de sedução realmente se constitui ,surge a possibilidade de ambos estarem caminhando para novos caminhos, nova

visão de mundo. Entretanto, quando o professor assume uma postura hierárquica em relação ao aluno, mesmo não exercendo diretamente a autoridade, esta emerge.

O professor, ao colocar-se como alguém que sabe e que vai ensinar a alguém (no caso o aluno) que não sabe, coloca-se de modo autoritário diante dele. Esta autoridade se reveste de um caráter agressivo uma vez que coloca o aluno na posição de submissão e impotência. Para caracterizar esta postura pedagógica como uma forma autoritária de agressão, tomemos a seguinte colocação de “Bohossvisky”:

“Uma das formas mais interessantes que a agressão indireta assume é a maneira pela qual o professor demonstra a sabedoria que alcançou e possui e como ela é inacessível aos alunos(...) ao definir o conhecimento como uma meta a ser alcançada e supostamente motivar o aluno no sentido de tentar alcançar este conhecimento, coloca-o a distância e se erige como intermediário que ao mesmo tempo em que mostra, esconde. (...) O caráter agressivo de tal conduta não está na frustração que a acompanha, pois é inegável que o professor sabe mais que o aluno e é o intermediário entre o aluno e a matéria. O que faz com que esta modalidade de ação se converta num ataque direto e não visível é a falta de sentido para o aluno ou a falta de consciência que ele tem desta distância em relação ao objeto, da possibilidade real de encurtá-la sucessiva e paulatinamente e de que o professor não é o possuidor deste objeto mas um facilitador de sua aproximação com ele.

É a partir das variações emocionais pelas quais a criança passa , que, a solução para vários problemas poderá surgir, pois mesmo se a criança tiver todo o conhecimento necessário, poderá não usá-lo e poderá não prestar atenção a toda informação relevante , se não estiver motivada ou se sua expectativa for de fracasso.

Em relação a criança, sujeito de minha pesquisa, constatei que esta apresenta um distanciamento do mundo real, dificultando o relacionamento entre ela e a comunidade . Em nível mais geral, a maioria das crianças tem fortes desejos de reconhecimento, afeição e aprovação dos adultos. No entanto a criança estudada ainda não percebeu seus valores e a importância de valores que sua família lhe atribui ainda que estes estejam pouco pronunciados. A própria preocupação com a criança já é uma demonstração de valor.

Constatamos isto através dos depoimentos onde a criança expressa de forma triste que o relacionamento familiar não passa de uma simples farsa "...Nós não conversamos" (...) Ele nem pergunta como estou..." (criança). É difícil o entrosamento e diálogo com a referida família. A criança não consegue perceber que apesar das enormes dificuldades de sua relação com a família, esta ainda se empenha , para que haja mudança em seu comportamento.

Por não perceber isto, a criança entende as atitudes da família como descaso e agressão, gerando nela grande ansiedade. Retomamos então a importância do grau de ansiedade associado ao domínio intelectual, motivos , expectativas e ansiedade que estão intimamente relacionados entre si e a qualidade do desempenho cognitivo. A expectativa de fracasso exerce um papel muito poderoso sobre a motivação da criança para dominar ou desempenhar uma tarefa. Pude constatar isto quando a criança relatou que só a mãe vai a escola, e que não há dialogo com o pai.

Esta relação conflituosa com o pai pode gerar uma modificação da característica da personalidade. Esta modificação, pode ser gerada por experiências infelizes na relação com os pais, e também na escola ou na vizinhança. Isto nos mostra que não é apenas no âmbito das relações familiares que a expectativa de fracasso pode ser gerada. Experiências frustrantes podem arruinar os efeitos benéficos das boas relações entre pais e filhos. Por exemplo se os pais foram calorosos, gentis e cuidadosos, a criança entra na escola sentindo-se segura, tranqüila e confiante. No entanto mesmo tendo uma família equilibrada, se ela for de nível intelectual abaixo da média ou se lhe faltar motivação para estudar, pode experimentar insucessos esmagadores na escola e, em consequência, tornar-se frustrada e agressiva. De extrovertida e agradável pode transformar-se em criança socialmente desajustada, retraída e infeliz.

Retornando ao âmbito familiar, sempre que mencionei o nome do pai, a criança, retraída, falava mais da mãe. Então percebi que a dedicação mútua só vinha desta. O amor que a criança tanto anseia segundo (Kagan) está dentro das dimensões do comportamento parental, onde os pais podem amar seus filhos ou rejeitá-los. Podem também ser amorosos e negligentes, bem como calmos ou ansiosos, confiantes ou inseguros, ajustados ou perturbados. A resposta da criança não dependerá simplesmente de qualquer um destes aspectos do comportamento e da personalidade dos pais mas, antes do efeito combinado.

Podemos entender que os valores, manifestam um aspecto fundamental da existência humana, a criação humana, a criação de costumes. Ao meu ver, os professores devem valorizar e relacionar-se com o mundo não se mostrando indiferentes a ele, dando-lhe uma significação. Sabemos que o aluno caracteriza-se por valores de diversos tipos, como por exemplo; bonito- feio, bom- mau. São essas características que as crianças usam para qualificar o seu universo e isso eu qualifico como costume e valor.

A convivência familiar e suas dificuldades

Até o momento, observei o nível de desenvolvimento e características de personalidade da criança e de suas respectivas professoras, bem como os principais processos envolvidos na aprendizagem, imitação e identificação. Nesta última parte, observarei e relatarei alguns aspectos do ambiente social doméstico, incluindo os relacionamentos pai - filho, à medida em que estes afetam o desenvolvimento de traços e motivos e o padrão geral ou estrutura da personalidade, relacionamentos entre a atmosfera familiar, ou atitudes, e o ajustamento social e pessoal da criança.

Então passemos a estudar o ambiente social doméstico. Segundo informação da mãe os membros da família, moram em uma “chácara” alugada, perto da cidade, em uma casa de madeira, coberta de Eternit, contendo 04 peças. Podemos verificar que é família que “trabalha hoje”, para comer “amanhã”.

O fator econômico é um dos principais problemas da família e em consequência dele, surge a falta de entendimento entre os membros da família. Para a mãe esses fatores vem trazendo grandes “problemas” na vida do seu filho pois a ausência do diálogo com a criança para sanar a incompreensão das diferenças sociais não acontece, deixando-o assim ansioso, e incompreensível.

No que se refere à vida da mãe com seu filho perguntei para a mesma como lidava com “os problemas que a criança apresentava na escola, na sociedade e em sua casa”. A mãe aparentando preocupação ao responder relatou que o seu filho faz algumas coisas que não deveria fazer, como por exemplo vender picolé e gastar o dinheiro com lanches. Em

consequência disso segundo a mãe surge toda uma discussão entre marido-filho. Pelo que podemos constatar pelo depoimento da mãe, nessas discussões surgem palavras negativas quanto à índole do menino como por exemplo. *"Entra o pai dele no meio e começa a fala que a criança é um vagabundo, que é ladrão..." (mãe).*

Sabedores que somos que a interação familiar, tem um papel relevante na vida de uma criança, então supostamente após diálogos como este acima mencionado, a criança apresenta um comportamento agressivo que no caso vem em forma de silêncio. A família sem mesmo desejar, pode iniciar e perpetuar alguns tipos de comportamento inadequado e indesejável, como o de superagressão.

A identificação é um mecanismo fundamental do desenvolvimento da personalidade e da socialização da criança. Identificando-se com os pais, a criança pode se tornar uma pessoa agressiva e inconseqüente. Segundo Erikson (1977) as identificações iniciais, além da aprendizagem e das experiências passadas, fornecem o fundamento para um sentido novo e único de identidade. No entanto, deve-se lembrar que:

"O todo tem uma qualidade diferente da soma de suas partes." Se consegue alto grau de identidade, a criança começa a considerar-se como indivíduo, uma pessoa coerente, íntegra e digna de reconhecimento por parte dos outros. (idem (1977 p. 11)

Retomando o diálogo perguntei para a mãe como a criança age com relação a essas atitudes dos familiares, essas agressões verbais que a família e mais especificamente o padrasto lhe dirige.

"Eu converso com ele, eu explico, o porque eles fazem isso, que ele tem que ficar...como é que falo. Ele tem

*que entender as coisas e não ficar mais revoltado do
que ele é... Mas ele não fala nada."*

Para falar do respectivo problema , tomo posição de concientizadora , onde os pais
uma deveriam primeiro observar os seus "problemas", "defeitos" para posteriormente
estarem cobrando. É através de algumas atitudes indevidas, por exemplo falta de
compreensão com o outro, descaso em pequenas atitudes que a criança apresenta que
pode surgir a delinquência que tanto a família relata.

*Segundo Mussen e tal, a delinquência juvenil pode
ser considerada como manifestação de
desenvolvimento deficiente da consciência, uma
falha na incorporação ou aceitação de algumas
das proibições e padrões éticos e morais da cultura
.Esse é um problema muito complexo, e há vários
fatores que são antecedentes constantes do
comportamento delinquente. Entre esses, os
fatores econômicos e sociais, com toda segurança,
desempenham um papel muito importante, pois as
taxas de delinquência são maiores entre as pessoas
menos favorecidas e nas menorias mais sofridas.
(1977 p.115)"*

Em uma das conversas , questionei a mãe em relação a criança não gostar de ir
à escola, ter parado de estudar por duas vezes, não se sentir bem no ambiente escolar,
Perguntei-lhe o que achava dessa situação ; A mesma nos respondeu que:

*" Eu explico para ele, que ele tem que estudar, porque
se eu não tenho um bom trabalho é pôr falta do bom*

estudo... Falo para ele que fica muito difícil , porque aí depois ele fica igual a nós (...) Ele fala que simplesmente não quer estudar. " (mãe).

Embora a mãe aparente ser uma "boa conselheira", é interessante que saibamos que há diferenças individuais, e neste caso a diferença está no fato de que a criança ainda não têm sua opinião totalmente formada, por isso não só o âmbito familiar como a sociedade-escola, têm que oferecer subsidios interessantes que venham resgatar essa criança do seu "mundinho" para a vida real. A família exerce aí, papel da maior importância. Se a criança não se sente segura em relação a ela, tenderá a não ouvi-la. Além disso, segundo Mussen (1977):

"as crianças vivem simultaneamente em dois mundos, o das crianças e o dos adultos, numa espécie de Status marginal ou superposto, o que lhes dificulta saber a que mundo pertencem. De repente, sentem que fazem muitas exigência novas. (p.144)".

Vygotsky chama a atenção para o fato de que para compreender adequadamente o desenvolvimento da criança devemos considerar não apenas o nível de desenvolvimento real da criança ,mas também seu nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos." A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão , mas que estão presentemente em estado embrionário". (P. 97)

No caso estudado não há uma “ajuda” por parte da família. Ao contrário, a família para esta criança, funciona como um obstáculo a mais a se vencido, além dos muitos outros de ordem sócio- econômica que a criança tem que enfrentar.

Remetendo-nos ao processo de incentivo da criança em relação à escola , a mãe nos disse que percebe a falta de incentivo da parte da família , pois só ela (a mãe) que faz com que ele continue, portanto o padrasto não o incentiva *“Porque na parte dos estudos só eu que esforço”* (mãe). Além desse motivo um fator volta a tona : o aspecto econômico. A criança sente-se humilhada quando vê que os outros colegas têm maiores condições para estudar; como comprova a fala da mãe quando nos diz (...) *Vê os alunos com roupa boa, bolsa que ele não tem ... ”* (mãe)

Podemos constatar pelos depoimentos que é a mãe que incentiva o filho a estudar. No entanto, é importante que ambos se comprometam com a criança. Quando OS PAIS , estão realmente interessados em seus filhos, quando querem que estes tenham êxito na escola e quando existe na comunidade oportunidades educacionais relevantes, os efeitos da influência dos pais podem sobrepujar as conseqüências limitadoras de um status sócio-econômico inferior . Isto porque o progresso escolar de uma criança é influenciado pelo seu ambiente familiar. Segundo os autores Mussen, Conger, Kagan (1977), em contraposição, a criança sócio-economicamente, desfavorecida , privada dessa influência , tende a estar em desvantagens ao abordar as tarefas acadêmicas.

Dados os problemas que uma criança desfavorecida enfrenta para satisfazer as exigências acadêmicas tradicionais, parece razoável concluir que, pelo menos, esta criança deveria receber maior assistência na escola do que uma de classe média melhor preparada.

“Criar um sistema integrado capaz de atender as necessidades educacionais de crianças e jovens escolarizáveis, sem as separações que hoje ocorrem,

significa que os professores e demais , precisam aprender muita coisa acerca de pessoas deficientes. Na realidade, precisam aprender a levar em consideração as diferenças de natureza e grau variados, apresentados por quaisquer pessoas". (omole,1996,).

Para falar do descaso da criança em relação com a escola perguntei para a mãe como é que a criança se desenvolve , comporta, na sala de aula. A mãe afirmou que

"Na sala de aula, ele é normal, a única coisa que a profª fala , que ele emburra e não escreve, diz a profª que ele não responde , não fala nada, o defeito dele é não falar nada, o defeito dele é esse ficar quieto, parado, não querer estudar , escrever, só ficar pensando". (mãe).

Mediante a colocação da mãe, observei que a criança está envolvida em seu mundo, sem nenhuma perspectiva de uma vida melhor ou de mudanças. No que tange às concepções tanto da mãe quanto da professora, em achar que a criança é "normal" , só não faz nada e fica só pensando; podemos dizer que o "normal" para a professora é a criança ficar passiva em sua posição de aluno; não questionar , não "amolar"... só ficar pensando o que ambos, e principalmente a professora não percebe, não tem consciência é que se a criança é pensativa , é porque muitas idéias, ilusões, anseios, estão atribulando a mente dessa criança . Se o professor abandonasse sua prática tradicionalista ,compreenderia este silêncio de uma forma mais consciente, amadurecida .Isto proporciona a ambos resolverem ou pelo menos atenuarem o problema que angustia os mesmos. O silêncio, existe como forma de fuga através dele, o menino foge da crueldade ou da incompreensão da família e da escola e se refugia num mundo particular criado pela sua imaginação. Cabe à escola , em grande parte,

penetrar neste mundo de modo a compreendê-lo e assim poder trabalhar com suas expectativas e seu potencial.

No que tange à situação da criança, a mãe, no decorrer da entrevista, informou-nos que não sabe mais o que fazer, pois, já colocou até o seu casamento em risco; devido as “brutalidades”, as “incompreensões”, as atitudes do seu marido, padrasto da criança. Segundo ela, a solução encontrada pelo padrasto é a de colocar a criança no colégio interno e ela tem resistido a isto.

“Estou fazendo de tudo; até coloco o meu casamento em perigo..”

“Meu esposo é muito agressivo...”

“Ele fala que sou a favor da criança porque eu não internei a criança...”

(mãe)

Podemos observar que a mãe ao defrontar-se com o problema, se sente frustrada por não conseguir reagir. Este provavelmente seja um dos motivos pelos quais a criança também fica frustrada. A mãe se sente pressionada pelo fato de por, um lado ter que tomar uma posição que não é do seu agrado que é a de encaminhar a criança para o internato, e por outro lado não pode perder o seu “companheiro”, seu marido, pois é ele que traz o sustento para dentro da sua casa tendo em vista que ela não trabalha fora.

Mediante este ambiente permeado por conflitos, contradições e frustrações, a criança tende a buscar formas de lidar com a situação. O fato de se refugiar nos próprios pensamentos é um indicativo disto. Freud explica que as angústias da realidade são muitas e iminentes; é preciso desenvolver outras formas de lidar com ela, mais objetivas e eficientes, capazes de levar avante o desejo, de manter vivas as perspectivas de vida.

" A amarga experiência da vida , deve ter, transformado esta primitiva atividade de pensamento numa atividade secundária mais conveniente...O pensamento afinal de contas, nada mais é que um substituto de um desejo alucinatório".

De uma maneira bastante clássica a mãe é, amiúde, julgada em função de suas capacidades de amor e de sua compreensão. A boa mãe faz parte do mundo feliz da infância. Do pai, espera-se que dê a criança uma impressão de prestígio e de autoridade, aos quais se acrescentam, cada vez mais , o afeto , a compreensão. Algumas personagens de pais e de mães possuem características idênticas : a indiferença à criança , a dureza, a fraqueza ou a superficialidade mundana, assim como o erro de intervir abusivamente na vida da criança. Este quadro traz consequências sérias à criança sobretudo na sua relação com o mundo que a rodeia.

Para compreender melhor o histórico da relação entre a criança e seu padrasto fui resgatar informações quanto à convivência familiar que iniciou quando a criança tinha 3 meses de vida no ventre da sua mãe pois ao se casarem, esta estava grávida de 3 meses. Esta gravidez era fruto de um outro relacionamento . Segundo o padrasto a criança apresentou problemas somente depois que ele cresceu. Devido a estes problemas às vezes ele toma uma atitude mais rígida que é a agressão física para que o mesmo melhore.

"...Problema que ele tem dado é só depois que ele cresceu... Muito teimoso.. Fala as coisas e ele não responde nada para mim, de vez enquanto eu bato nele; mas também ele não responde nada". (pai)

Por não conseguir resolver o problema, o padrasto parte para a agressão . Mas é interessante observar que mesmo quando agredido fisicamente, o menino mantém sua postura de isolamento pois nada responde, apenas se cala

Os pais , freqüentemente , não sabem que atitudes devem ser tomadas com relação ao desenvolvimento emocional ou cultural da criança. Provavelmente, a postura mais adequada dos pais em relação a essa questão é a de serem eles mesmos, um exemplo para os filhos. Sabemos que a maneira como o pai se comporta, às vezes torna difícil o entendimento entre ambos. Pois quando há possibilidade de estarem juntos, nem sempre os mesmos têm a mesma visão de mundo. O pai (padrasto) com sua bagagem de vida anseia que a criança faça e aja como um adulto; não sendo possível essa mudança, vem as discussões , as agressões físicas , a arbitrariedade enquanto a criança não sabendo como lidar com a situação, silencia e se distancia do âmbito familiar e escolar.

Conforme estudos realizados no que diz respeito a delinquência , os pais de uma porcentagem significativa de crianças com problemas são negligentes e não calorosos, ou seja, não conseguem exercer um controle parental apropriado ou são muito inconsistentes no uso da disciplina e mesmo quando a “disciplina” é empregada , é possível que seja arbitrária e excessivamente severa, muitas vezes envolvendo a punição física. A disciplina parental, nestes casos, tende a emergir mais como uma expressão de hostilidade e rejeição parental do que como um meio de orientar a criança e de ajudá-la a desenvolver controles internos e padrões adequados à conduta social. O relacionamento entre a criança “problema” e seus pais é muitas vezes caracterizado por hostilidade mútua e por falta de coesão familiar e de objetivos comuns.

O diálogo familiar é de suma importância uma vez que o mesmo se reflete tanto no âmbito familiar como escolar e social tendo em vista que este vem a fortalecer os traços

afetivos. No entanto o relato do pai nos mostra que ele não conversa com a criança e quando conversa é para mostrar os defeitos que esta apresenta. *"...Dou conselho para ele não ficar na rua, pois não sei o que está aprontando".* (mãe)

Levando em conta a impossibilidade de uma convivência sem conflito entre pais e filhos, é interessante que o pai tenha uma forma de agir e pensar para preservar o relacionamento familiar e manter a união de todos ; pois é preciso fazer uma distinção entre autoridade e autoritarismo. Portanto, enquanto a manifestação de autoridade pelos pais é desejável, o autoritarismo ao contrário, deve ser rejeitado, pois tanto atitudes intransigentes, quanto a falta de limites revelam as dificuldades existentes entre ambos. Muitos pais tem dificuldades em abrir mão de sua autoridade, o que constitui um sério obstáculo ao desenvolvimento dos filhos, retardando ou mesmo impedindo-os de se tornarem responsáveis pôr si mesmos.

O ambiente é, por este prisma , fator imprescindível ao desenvolvimento do ser humano. Dependendo de como transcorrem as relações no ambiente social e familiar a criança definiria seus próprios rumos. Isto porque *"(...) o ser vivo começa a orientar-se, no meio ambiente, a reagir ativamente a cada mudança que este se processa, ou seja, começa a adquirir formas de comportamento individual variáveis que não existiam no mundo vegetal"* Luria,p.32(13)

No que se refere às atitudes da criança de sair, de silenciar, de procurar outros amigos, o pai afirma que já tentou modificar a maneira da criança agir; mas quando a mesma sai à procura de "amizades" torna-se difícil fazer com que ela retorne para a casa"...Não sei, procurei ele, fiquei até meia noite, aí cansei de procurar fui dormir..." "... " Pergunto para ele onde ele dormiu a criança responde que foi no puteiro..." (pai)

Podemos observar que em nossa cultura, as crianças, adolescentes, muitas vezes experimentam dúvidas, ansiedades e intensos ressentimentos , saem a procura desespera da

por amigos em que possam confiar completamente . Com os quais esperam poder partilhar seus sentimentos complexos, seus conflitos e segredos, sem medo de serem incompreendidos ou rejeitado.

Isto nos mostra que, quando os pais, apesar de “todos os esforços”, não conseguem mais se comunicar com o filho; deveriam recorrer a outras pessoas , de preferência a alguém que a criança admire ou respeite para que em conjunto consigam “chamar” a atenção da criança para o fato de que ela é importante para a família e a sociedade e que muitos precisam de sua companhia, e do seu amor. Esta é uma forma de valorizar a criança e dar a ela segurança.

O pai em seu diálogo menciona que não deixa faltar nada dentro da casa; E quando a criança sai de casa , ele vai procurá-lo para ver onde ele está, e que não bate na criança nestas ocasiões. Após essa conversa é importante lembrar que a autoridade dos pai tem um papel importante para estabelecer regras ou impor limite. Assim, exigir que a criança faça o dever da escola ou fixar horários para chegar em casa são normas saudáveis que devem ser mantidas. No entanto é preciso que as regras sejam claras e coerentes para que a criança possa aprender a testar e a sentir os limites.

Segundo Mussen e Tal(1977) é interessante sabermos que a socialização da criança evidentemente requer a imposição de controles. Sem os controles, não poderiam ser aprendidas as habilidades, atitudes e comportamentos necessários a uma existência satisfatória, numa sociedade complexa. Contudo, o controle e a disciplina excessivos, ameaçam o desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e da auto-suficiência da criança, qualidades igualmente necessárias à eficiência social.

Portando uma disciplina errática ou inconsistente pode ser tão prejudicial quanto a ausência ou excesso de disciplina. A inconsistência pode derivar de hostilidade ou da

1. 在 1950 年，中国科学院植物研究所成立，这是中国植物学研究的最高学术机构。

2. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

3. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

4. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

5. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

6. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

7. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

8. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

9. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

10. 中国科学院植物研究所成立后，立即开展了对植物分类学、植物生理学、植物生态学等方面的研究工作。

indiferença dos pais (como por ex., nos casos em que a disciplina é imposta somente por conveniência própria. Não “retrucar”, ficar calado pode ser o reflexo de suas incertezas e falta segurança ou meras mudanças de estado de espírito; no entanto, qualquer que seja a fonte, a inconsistência na disciplina parental tende a contribuir para o desajustamento, conflitos ou agressões da criança .

Como dissemos anteriormente, mediante as dificuldades ou mesmo impossibilidade dos pais de travarem um diálogo satisfatório com a criança de modo a estabelecer limites a este, podem recorrer a ajuda externa.

Em se tratando do sentimento que o “pai” nutre pelo “filho”, o pai disse que: *“O amor que eu sinto pôr ele e do mesmo jeito dos outros.”* No entanto observamos através dos dados que a relação do “pai” com o “filho” é distanciada, pois o pai sai para trabalhar e retorna à noite. Quando chega encontra “problemas” os quais quase sempre estão relacionados com o seu “filho problema”. Segundo o pai este às vezes perde a paciência, mas nunca passou dos limites e que gostaria que o seu filho , estudasse pois o estudo é fundamental.

Tendo a discordar do pai, pois nas vezes em que tive oportunidade de encontrá – los, senti de uma forma geral que o pai é autoritário e que a família se intimida quando o mesmo está por perto. Como já vimos anteriormente a posição da mãe vem desmascarar o que o pai diz . Podemos então entender que há desentendimentos até mesmo entre os adultos. Sendo assim como é que a criança fica na situação de “receptor” de tantos problemas ; problemas estes que muitas das vezes tem que ser resolvidos pelos adultos e não transferir para as criança. Pois o pai é espelho da família e a mãe a estrutura de uma família , ambos conseguem com muito diálogo e amor estruturar e espelhar os filhos que tanto anseiam de atenção , amor e dedicação.

Sobre esta tarefa dos pais , diz o papa: “ Se os pais ao doarem a vida, tomam parte na obra criadora de Deus, pela educação tornam-se participantes da sua pedagogia conjuntamente paterna e materna.” “Os pais são os primeiros e principais educadores dos filhos e têm também neste campo uma competência fundamental; “...Qualquer outro participante no processo educativo não pode operar senão em nome dos pais, com o seu consenso e, em certa medida , até mesmo pôr seu encargo.”

(PAPA JÕAO PAULO II)

Considerações Finais

Na sociedade atual, percebe-se uma distinção entre o mundo da criança e o mundo adulto. A criança tem sua própria personalidade e seus próprios jogos e brincadeiras. Estamos a tal ponto, que a distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil da realidade tornou difícil a convivência familiar.

Durante a Idade média , até pôr volta do séc. XVII, não havia um sentimento de infância, nem tampouco um sentimento de família. A criança não era senão um adulto miniaturizado . Somente no séc. XVII é que se atribui a criança uma particularidade, começa-se a dar importância à sua alma e personalidade, uma consequência direta da cristianização dos costumes.

Também através da análise de estrutura familiar e da instituição escola é possível perceber a evolução do sentimento de infância . Os pais não deveriam somente colocar os filhos no mundo e sim prepará-los para a vida e enviá-los à escola. Este cuidado especial com as crianças favoreceu o aparecimento de sentimentos novos dentro da família, uma afetividade indispensável no âmbito familiar.

Vemos portanto que a afetividade como necessidade da infância é histórica e está relacionada ao sistema social, mais que isto, tem relações com o sistema produtivo uma vez

que a criança precisa ser preparada para o mundo em geral e para o mundo do trabalho em particular.

Independente de quais sejam as razões, é importante que a criança viva, em ambiente tranquilo, seguro e com boas condições econômicas e psicológicas se quisermos que ela também seja segura e realize bem as tarefas que lhe são exigidas.

Pudemos entender no decorrer do trabalho que a violência “psicológica e física” contra a criança está sustentada pelo não entendimento por parte da família e em certa medida também da escola, de que direitos como liberdade, respeito e dignidade devem ser respeitados. Precisamos compreender que esta trilogia forma cidadãos conscientes de sua escolha, responsáveis por suas ações, com sentimento de respeito a si e ao próximo e com noção de que a moral e a ética são suporte para uma vida mais digna .

A consequência direta do sentimento de família, é a retração da sociabilidade, isto é, da vida pública, das relações de vizinhança , de amizades e de tradições. A criança passa a se “esconder do mundo” isolando-se de todos . Em nosso caso particular a criança se isola pelo silêncio.

Bibliografia

- ARROYO, Miguel E. Da Escola Carente à Escola Possível. 2 ed. Edição Loyola. São Paulo.
- LAUWE, Marie-José Chombart de. Um outro mundo: a infância. Ed. Universidade São Paulo. 1991.
- GOODE, W. J., HATTI, P. K.. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo: Nacional, 1977.
- MUSSEN, Paul Henry, CONGER, Jhon Janeway, KAGAN, Jerome. Editora Happer e Row do Brasil LTDA. São Paulo, 1977, Bogotá, México, Nova Iorque, Londres, Sidney, São Francisco, Tóquio, Nova Deli.
- MUSSEN, Paul H., O Desenvolvimento Psicológico da Criança. Revista e Atualizada. 10ª ed. 1982.
- PAIXÃO, Léa Pinheiro. A Escola dos Carentes. Universidade Federal de M. Gerais.
- PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar.
- SKINNER, Burrhus Frederic. Questões recentes na análise comportamental. 2 ed. Campinas S.P. Papirus, 1995.